

EDUCAÇÃO PELAS DIFERENÇAS: Invenções, deslocamentos, transbordamentos

Victor Pereira de Sousa¹
Thiago Ranniery²

Corpos em dissidência em espaços formais de educação - desde a Educação Infantil à universidade - complicam quaisquer relações previamente estabelecidas, pois o trabalho com a diferença bagunça a norma e interpela os pressupostos que cerceiam experimentações da própria produção da vida reduzida à cis-heterossexualidade branca. Isso configura outros modos de se pensar o emaranhado de relações de tessituras junto à educação, à escola, à universidade, ao ensino, ao currículo, à docência e aos estudantes pela produção da diferença que nunca está do lado de fora.

E porque ainda insistimos em dizer “com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?” (Foucault, 2021, p. 13). Por entendermos que é possível ir além do horizonte da denúncia, organizamos este dossiê com o objetivo de pensar as corporeidades, experiências e vivências desobedientes para além da violência, compreendendo que mais do que resistir, esses corpos insurgem e produzem os espaços educativos dos quais são parte, implicados pelos ecos da diferença.

Em vista da intensa produção nos campos dos estudos de gênero, sexualidades e raça, com interseção no campo educacional, sobre como a escola e a universidade podem ser violentas com docentes e discentes que

¹ Doutorando em Educação (UFRJ). Mestre em Geografia (UFRRJ). Membro e pesquisador do Bafo!, Grupo de Pesquisa em Currículo, Ética e Diferença (UFRJ); da COLETIVA, Grupo de Pesquisa em Geografia, Existências, Cultura e Cotidianos (UFRRJ); e do LEQUE, Laboratório de Estudos Queers em Educação (UFRJ).

² Professor de Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é bolsista de produtividade em pesquisa nível 2 do CNPq e Jovem Cientista Nosso Estado da FAPERJ. É coordenador do LEQUE - Laboratório de Estudos Queers em Educação (UFRJ) e Líder-Pesquisador do BAFO! - Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Ética e Diferença (CNPq/FE/UFRJ).

Periferia, v. 17, p. 01-07, 2025, e91435

extrapolam os limites da cis-heterossexualidade branca, muitos estudos evidenciam dados alarmantes sobre a ausência de políticas públicas, as diferentes fraturas na democracia brasileira, o avanço do conservadorismo, a situação precária de muitas escolas em nosso país e os diversos preconceitos que estão enraizados na formação educacional brasileira.

Contudo, entendemos que não ceder à vontade de conservação das formas de existência é uma postura política de não renunciar ao desejo ético de afirmação da vida e de não negociar o inegociável, como nos ensinou Suely Rolnik (2018). Isso potencializa a relevância de pesquisas que contribuem para se pensar também na insistência desses corpos em não ceder lugar a nenhum tipo de reducionismo ou de se comportarem como passíveis de violência, pois diferentes modos de existência são produzidos nesses espaços formais de educação em que outras formas de vida são possíveis de serem vividas.

Assim, movimentos especulativos, experiências e exercícios de pensamento com o corpo, gênero, sexualidades, raça, etnia, escola e universidade podem, sem negligenciar a violência, experimentar a construção de caminhos para pesquisas que se preocupam com o currículo, os efeitos da diferença, as corporeidades, as espacialidades, o trabalho docente e os processos de ensino-aprendizagem. Esta tarefa ético-política da educação pode abrir possibilidades outras para o trabalho com a diferença.

Ao levar em consideração que nas “frestas dos tempos duros [...]”, outros tempos saltam e são capazes de engendrar novos modos de existir (Coimbra, 2021, p. 148), consideramos as invenções, deslocamentos e transbordamentos da educação como um modo de existir na e com a diferença. Dessa forma, o presente dossiê foi construído por meio de experiências e pesquisas de docentes que atuam em diversas etapas e modalidades da Educação Básica e do Ensino Superior, reunindo contribuições de todas as regiões do Brasil, buscando mobilizar outros horizontes de reflexão para se pensar o trabalho com a diferença em espaços formais de educação.

O artigo *Entre a mãe e a babá: marcas das relações raciais e de gênero no trabalho de cuidado na Educação Infantil*, escrito por Lorraine Andrade Gonçalves, investiga as relações de cuidado na Educação Infantil, destacando [Periferia, v. 17, p. 01-07, 2025, e91435](#)

como essas práticas, além de estarem previstas nos documentos legais e no cotidiano escolar, reproduzem historicamente marcadores de gênero e raça. A autora defende que cuidar de bebês e crianças pequenas remete a atribuições tradicionalmente femininas e maternas, mas também às funções historicamente impostas a corpos negros escravizados. O argumento do texto considera que professoras de Educação Infantil são socialmente produzidas como "mães" ou "babás" no processo de racialização, e que o próprio ato de cuidar é construído como uma prática subalterna, associada ao corpo negro escravizado.

Em *Vivências, inacabamentos e encontros com a diferença: diálogos com aprendizagens*, escrito por Ana Cláudia Giordani e Luiz Miguel Pereira, é apresentado um relato de vivências a partir da oferta de uma disciplina na graduação, destacando as concepções da ementa, a organização dos eixos analíticos e seus desdobramentos metodológicos. A escuta atenta, a enunciação e o diálogo são concebidos como elementos centrais da aprendizagem, estruturados em torno da roda de conversa como espaço metodológico. Sem buscar conclusões definitivas, o artigo propõe reflexões processuais sobre as escolhas pedagógicas e metodológicas, enfatizando que o compromisso com o ato educativo é, antes de tudo, uma escolha ética e responsável que cada profissional assume em sua prática.

O artigo *Igualdade como problema: educação, escola e diferença*, escrito por Victor Pereira de Sousa, propõe uma problematização das relações entre escola, igualdade e diferença, questionando como noções amplamente difundidas no discurso educacional constituem um paradoxo fundamental no campo da educação. O autor defende que a busca pela igualdade frequentemente reforça a reprodução das desigualdades, convertendo-se em uma promessa inalcançável e reduzindo a diferença à diversidade. Em resposta a essa limitação, o texto propõe um horizonte conceitual em diálogo com a filosofia, deslocando a discussão para pensar a diferença sem separabilidade e a escola como espaço-tempo de produção de vida.

Com base nas vivências construídas ao longo do projeto de intervenção e pesquisa "Conexão Escola Mundo" (2017-2022), realizado em Florianópolis e *Periferia*, v. 17, p. 01-07, 2025, e91435

Salvador, o artigo *Potencialidades da educação hacker para articulação de ambiências formativas inclusivas em contexto escolar*, escrito por Daniel Silva Pinheiro, problematiza a necessidade de pluralizar a noção de educação, articulando-a à construção de ambiências escolares inclusivas e fundamentadas na educação em direitos humanos sob a perspectiva da educação hacker. O texto discute o papel estratégico da escola na formação da cidadania e a importância da docência colaborativa em processos formativos contínuos.

O artigo *A ambiência pedagógica e a crítica ao binarismo de gênero na educação básica*, escrito por Nilcelio Sacramento de Sousa, Rafael Chaves Vasconcelos Barreto e Tiago Dionísio da Silva, analisa a ambiência pedagógica na Educação Básica, investigando como ela reforça padrões de gênero e consolida o binarismo nas relações sociais desde a infância no espaço-tempo escolar. Os autores argumentam que o impacto da organização pedagógica reitera relações binárias de gênero sob a perspectiva cisheteronormativa, invisibilizando sujeitos que não se reconhecem nesse modelo, contribuindo para conflitos, violências de motivação lgbtfóbica e até evasão escolar. Assim, o artigo busca dar visibilidade a esses sujeitos, propondo alternativas para uma outra ambiência pedagógica.

Ana Paula Valle Pereira e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, no artigo *Estórias que fazem mundos e mundos que fazem estórias: exercícios poéticos em educações ambientais com estudantes da EJA*, investigam as invenções de mundo que emergiram de uma experiência em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de uma oficina que articula cinema e educações ambientais. Tomando como disparador o filme de animação brasileiro *O Menino e o Mundo* (2013), o texto explora os movimentos especulativos possíveis em experimentações pedagógicas voltadas à criação e à escuta. As autoras argumentam que os estudantes, ao se identificarem com a personagem e tecerem conjecturas sobre suas experiências, entreabrem novos mundos, entrecruzando suas vivências com a ficção e ressignificando o espaço da sala de aula.

Adria Simone Duarte de Souza e Célia Aparecida Bettiol, no artigo “*A diferença existe e mora aqui*”: movimentações sobre currículos indígenas e *Periferia*, v. 17, p. 01-07, 2025, e91435

BNCC no Estado do Amazonas - Brasil, questionam a viabilidade da noção de um currículo comum a todos quando se trata das populações indígenas, problematizando as políticas educacionais que buscam homogeneizar o ensino no território nacional. As mobilizações em torno da construção de uma Matriz Curricular Indígena de Referência para o Estado do Amazonas e as reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) conduzidas pelo Fórum de Educação Escolar e Saúde Indígena do Amazonas (FOREEIA), são as experiências que movimentam as inquietações das autoras. O debate revela como a BNCC, ao propor um currículo unificado, restringe o espaço de diálogo com a diferença, reduzindo a pluralidade indígena a um modelo normativo.

Em *Heteronormatividade e estudantes universitários LGBTs*, Carlos André Gayer Moreira propõe um diálogo entre sexualidade e a vivência de estudantes LGBTs, considerando as diferenciações espaciais a partir do tamanho das cidades e da localização da residência, ancorado pela Geografia Cultural. O autor enfatiza a necessidade de uma Geografia mais humanizada, capaz de desestabilizar práticas discriminatórias e contribuir para a construção de espaços mais inclusivos. Nesse sentido, o papel da escola e da universidade na promoção de uma educação comprometida com a diferença, a equidade e a pluralidade é de suma importância, fortalecendo os princípios de um convívio democrático pautado na alteridade.

O artigo *Educação com/a incerteza: um plano tático de acionamentos docentes*, escrito por Samilo Takara, Fernanda Amorim Accorsi e Elisson Lima Santos, propõem uma abordagem da educação pelo desconforto, compreendida como um campo de disputa por significados e identidades, no qual a docência assume um compromisso ético-político de questionamento e transformação. Sem buscar modelos fixos ou soluções definitivas, compreendendo a docência e a relação pedagógica como processos instáveis e em constante reconstrução, é defendido que a descolonização do inconsciente ocorre de maneira simultânea entre docentes e discentes, em uma dinâmica micropolítica que se expande, se contrai e se refaz diante das forças culturais e dos jogos de poder que atravessam a educação.

Gabriel Luis Pereira Nolasco, Esmael Alves de Oliveira e Anita Guazzelli Bernardes, no artigo *Entre percursos, deslocamentos e transbordamentos de corpos(as)-experiências*, propõem um exercício indisciplinado de investigação sobre as corporalidades que transbordam os dispositivos de colonialidade e subvertem seus efeitos de subalternização. Corpo e experiência são mobilizados como categorias analíticas centrais para compreender processos de subjetivação contra-hegemônicos, desafiando a marginalização imposta por normatividades cis-heterocoloniais no campo das políticas de saúde. Valendo-se da cartografia como experimentação analítica e da interseccionalidade como bússola teórica, a pesquisa tensiona narrativas homogeneizantes e universalizantes, inspirando-se em epistemologias feministas, negras, queers, decoloniais e contracoloniais.

Em *“Nossa voz, nossa vez”*: *as relações étnico-raciais no estágio supervisionado em Ciências Sociais*, Luane Bento dos Santos considera que apesar da existência da Lei 10.639/2003 ainda há desafios significativos para a efetiva incorporação desses conteúdos nos currículos das licenciaturas. Diante desse cenário, o artigo contribui para a reflexão sobre a inserção da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na formação docente e no ensino de Sociologia na Educação Básica. A autora argumenta que a implementação de ações afirmativas no ensino superior tem impactado significativamente a produção de conhecimento, tensionando a centralidade eurocêntrica e ampliando perspectivas decoloniais na formação docente.

Marcelo Victor da Rosa e Marina Brasiliano Salerno, no artigo *“... entre outros” inclusão e interseccionalidade: um diálogo possível?*, apresentam um relato das experiências pedagógicas vivenciadas ao ministrarem uma disciplina na pós-graduação em que buscaram articular os conceitos de interseccionalidade e inclusão para refletir sobre a realidade escolar, além de fomentar discussões sobre as diferentes temáticas de pesquisa dos discentes. O texto discute as dificuldades conceituais no trabalho com esses temas e evidenciam os desafios na formação acadêmica e a necessidade de aprofundamento teórico e prático, especialmente considerando a urgência de consolidar espaços efetivamente inclusivos nas instituições escolares.

Periferia, v. 17, p. 01-07, 2025, e91435

Portanto, as contribuições que compõem este dossiê são perspectivas que percorrem caminhos diversos e que não almejam alcançar um objetivo comum, mas reverberar a pluralidade de pensamentos, experiências e vivências emaranhadas aos diferentes modos de vida que constituem os mecanismos, desafios e movimentos educacionais. Assim, se a violência é uma realidade da qual não podemos negligenciar, os diferentes modos de existência que se constituem na educação é um meio pelo qual as invenções, deslocamentos e transbordamentos importam no trabalho com a diferença.

Referências

COIMBRA, Cecília. **Fragmentos de memórias malditas: invenção de si e de mundos**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetizada**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

Submetido em: 10/02/2025.

Aprovado em: 15/03/2025.

Publicado em: 24/04/2025.